

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

**IRIMARA GOMES PEIXOTO**

**Do reconhecimento à enunciação: é possível falar sobre  
feminino negro em psicanálise?**

---

Porto Alegre  
2017

IRIMARA GOMES PEIXOTO

**DO RECONHECIMENTO À ENUNCIÇÃO: É  
POSSÍVEL FALAR DE UM FEMININO NEGRO EM  
PSICANÁLISE**

---

Trabalho final apresentado à Universidade  
Federal do Rio Grande do Sul, como parte  
das exigências para a obtenção do título de  
bacharel em Psicologia.

---

Porto Alegre 23 de Dezembro de 2017

BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Luciane De Conti

---

Mestranda Tiasmin Ohnmacht

## AGRADECIMENTOS

A universidade é um espaço de transformação, não só de ideias e percepções de caminhos profissionais, mas também de um despertar interno provocado por encontros e afetos distintos. Ter chegado nesse ponto não foi fácil, porém a beleza desse processo está atrelada a muitas pessoas que caminharam comigo, enfrentaram caminhos parecidos, confrontaram as mesmas batalhas e conseguiram escapar do ordinário pelas mesmas brechas. Agradeço primeiramente a minha família, minha mãe Selma Maria Gomes Peixoto que trabalhou grande parte da vida como doméstica para poder oferecer a vida que não teve para os cinco filhos e, acima de tudo, proporcionar saúde física e mental para que eu pudesse seguir com os planos de adquirir um saber acadêmico. Primeira mulher que me inspirou e ensinou a viver minha própria verdade e a buscar minhas próprias respostas. Ao meu pai, Irineu Vitorino Peixoto por ter inserido na minha vida muito cedo a literatura, por ter me encorajado a subverter todas as regras postas pelas injustiças do mundo. Aos meus irmãos: Selmira, Iris, Iriane e Selmar que da sua maneira me fortaleceram e cuidaram, garantindo que eu continuasse firme durante todos esses anos. Esse trabalho não seria possível sem a ajuda do meu supervisor de estágio e amigo Carlos Adriano Sippert. Também Taiasmin Ohnmacht, psicóloga, mulher e negra, mestranda do PPG de psicanálise que me encoraja profundamente a seguir dentro desse espaço pensando psicanálise e sua articulação com questões raciais. A minha orientadora Luciane De Conti por ter aceitado esse desafio comigo. As minhas amigas psicólogas porque sem elas essa escrita não faria sentido: Jéssyca Barcellos, Caroline Damazio, Liliana Dantas, Andressa Moraes, Liziane Guedes e Simiana Regina o fato de uma de nós ter conseguido impulsionou as outras a seguir com mais firmeza o mesmo caminho. Aos meus portos seguros, Hayane Telles Leotte e Ana Paula Chisini. Aos exemplos àquelas que segui e aprendi com: Fernanda Evélyn, Bárbara Kayser, Winnie Bueno e Fernanda Oliveira. Por fim a todas as mulheres negras que através de seus discursos corajosos criaram um movimento imenso de vozes estrondosas encorajando meninas como eu a buscar novos caminhos, novos ditos sobre o corpo. Nos permitindo assim caminhar pela via da enunciação encontrando uma identidade única que transcende o tempo, que não se resume às marcas de um sistema desigual.

## RESUMO

A psicanálise tem como uma de suas ferramentas de investigação teórica a escuta. A partir desse lugar abrem-se múltiplas formas para que se produza na linguagem infinitas significações. Em meio a essas me atendo às identificações que podem ser trazidas durante a escuta de mulheres negras. O propósito desse trabalho é construir uma narrativa que traga a discussão da temática da cor e do feminino na perspectiva da psicanálise, num processo de interseção. A partir de um estudo sobre o feminino na obra de Freud e sobre um feminino negro apresentado por Ângela Davis no livro *Mulher, Raça e Classe* busco estabelecer hipóteses sobre as significações feitas sobre a vivência simbólica da mulher negra e se é possível, a partir dos resultados encontrados, falar sobre um Feminino Negro em psicanálise. Além disso, partindo da premissa de Lacan sobre o Inconsciente estruturado como linguagem, procuro discutir as maneiras que a raça e o gênero, marcados no laço social como um signo linguístico, impossibilitam o estabelecimento de uma movimentação para a ordem significante. Para isso, apresento um caso clínico fictício com questões que permeiam a vida de uma personagem construído a partir de relatos ouvidos de diversas mulheres negras. Assim, exemplifico a partir da fala e da vivência dessa personagem infinitas possibilidades de reinvenção e de escape do discurso Racista e Sexista presente na cultura brasileira. Por fim, busco apontar uma possível brecha para outras ideias de feminino negro, que leve à não limitação derivada de uma identidade única ligada exclusivamente a estereótipos racistas e machistas.

**Palavras-chaves:** Psicanálise, Feminino Negro, Significante, Discurso, Corpo.

## SUMÁRIO

<b>1.Posição do feminino na psicanálise: que feminino é esse?</b> .....	7
<b>2.Significações sobre o corpo negro: seria a cor um significante qualquer/diferente?</b> .....	11
<b>3.O Negro(a) e a Psicanálise</b> .....	16
<b>3.1. Construções de ego e a objetificação do outro</b> .....	16
<b>4. Do olhar limitante à subversão: a história de Laura, uma existência consciente do feminino negro</b> .....	20
<b>4.2.Pequena</b> .....	20
<b>4.3.Preta</b> .....	22
<b>4.4.Laura</b> .....	25
<b>4.5.Ain't Got No, I Got Life</b> .....	27
<b>CONCLUSÃO</b> .....	30
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	31

Eu sou um corpo  
Um ser  
Um corpo só  
Tem cor, tem corte  
E a história do meu lugar  
Eu sou a minha própria embarcação  
Sou minha própria sorte.

**Luedji Luna**

---

## 1. Posição do feminino na psicanálise: que feminino é esse?

As palavras carregam significações diferentes dependendo de onde se encaixam e de quem as escuta. O feminino tem seus diversos nomes e afirmações, justamente porque nada fecha ou define essa posição. Tanto quanto a posição masculina, ambas são subjetivas e sócio-históricas, fugindo assim do campo anatômico. Angela Davis (2016) em *Mulheres, Raça e Classe*, questiona esse lugar do feminino e descreve uma diferenciação não usual. Essa acontece na própria descrição de feminino entre mulheres brancas e negras. Nos escritos de Freud (1901-1905), observamos o termo feminino como uma posição, posta como sinônimo de passividade. Segundo o autor, se fosse necessário dar aos conceitos de “masculino” e “feminino” um conteúdo mais preciso, a libido seria masculina normativamente, estando presente tanto no homem como na mulher. Entretanto as mulheres teriam menos interesses sociais que os homens e entre elas a faculdade de sublimar os instintos tornava-se mais débil (Freud, 1930-1936). Não existia de fato espaço para esse sujeito construir-se psiquicamente no âmbito do desejo. A sublimação é um conceito entendido como um dos destinos principais da pulsão, processo de desvio das forças pulsionais sexuais para um alvo não sexual, como o trabalho e as atividades valorizadas pela cultura.

As mulheres não sublimavam porque estavam presas em um único lugar de existência, elas não conseguiam, de acordo com Freud (1930-1936), fazer a mesma movimentação psíquica que os homens. Davis aponta uma diferença ainda não observada pela psicanálise: a mulher negra nunca ocupou esse lugar psíquico de passividade porque, para ela, o trabalho sempre foi uma demanda comum. Sempre foi dela a responsabilidade pela sobrevivência de sua comunidade. Isso abre o questionamento: por que a mulher negra não carrega o mesmo feminino que a branca? Seria esse um feminino diferente? Para a mulher negra ser “mãe” ou “dona de casa” nunca foi uma tarefa depreciativa, como marcada para as mulheres brancas do séc. XIX. A mulher negra sempre foi uma trabalhadora em tempo integral e, apenas ocasionalmente, “mãe/dona de casa”. Para elas, esses termos não carregavam nenhum sentido de inferioridade. Davis aponta um direcionamento diferente para a forma de relação dentro da comunidade negra e branca. Ela aponta uma separação tão demarcada entre as duas comunidades que as lógicas do patriarcado não eram vividas da

mesma maneira. Essas lógicas poderiam até ser nulas dentro da comunidade negra, não eram vigentes entre as relações que os negros formavam entre si. Ou seja, fora do contato com o branco e as vivências da casa grande, o negro construiu uma maneira diferente de se relacionar com o gênero.

As mulheres negras sempre trabalharam mais fora de casa que suas irmãs brancas. O enorme espaço que o trabalho ocupa hoje na vida das mulheres negras reproduz um padrão estabelecido durante os primeiros anos da escravidão. Como escravas, essas mulheres tinham todos os outros aspectos da sua existência ofuscados pelo trabalho compulsório. Aparentemente portanto, o ponto de partida de qualquer exploração da vida das mulheres negras na escravidão seria uma avaliação de seu papel como trabalhadoras (DAVIS, p.17).

Sojourner Truth, uma escrava alforriada e militante da luta abolicionista americana, em um discurso que fez na Convenção de Mulheres de 1851 em Ohio, trouxe um questionamento: ain't I a woman? (Eu não sou uma mulher?). Nesse discurso longo que pegou a plateia (majoritariamente branca) de surpresa, Sojourner argumentou veemente o lugar em que mulheres negras eram pensadas dentro da cultura americana da época. Apontou que mulheres brancas recebiam privilégios como o de não precisar exercer tarefas remuneradas ou de ter homens abrindo portas para que elas entrassem sem fazer esforço. Tratamento que era decorrente de uma suposta crença na inferioridade intelectual e física dessas mulheres. Entretanto esses comportamentos nunca foram estendidos às mulheres negras, o que trouxe a pergunta: seriam estas mulheres? Se fossem, pertenceriam a uma categoria diferente?

Sojourner, com esse discurso, colocou a mulher negra fora da relação patriarcal da qual as mulheres brancas viviam naquela época, da qual também não se orgulhavam ou enxergavam como diferente. Criou-se assim um novo espaço para se pensar o lugar do negro e do feminino como âmbitos distintos, mas que de alguma maneira se interseccionam. Truth delimitou desse modo a diferença: mulheres não eram inferiores em sua capacidade física e intelectual, já que mulheres negras trabalhavam tanto o quanto um homem trabalhava e pensavam tanto o quanto um homem pensava. Talvez fosse o fato da cor que este corpo trazia, que de alguma maneira objetificava a sua existência para o plano do invisível.

Aquele homem ali diz que as mulheres precisam ser ajudadas a entrar em carruagens, e erguidas para passar sobre valas e ter os melhores lugares em todas as partes. Ninguém nunca me ajudou a entrar em carruagens, a passar por cima de poças de lama ou me deu qualquer bom lugar! E não sou mulher? (...) Quero dizer umas poucas palavras sobre este assunto. Sou uma mulher de direitos. Tenho tantos músculos quanto qualquer homem, e posso trabalhar tanto quanto qualquer homem. Tenho arado e ceifado e cortado e aparado, e pode algum homem fazer mais do que isso? Tenho ouvido falar muito sobre igualdade dos sexos. Posso

carregar tanto quanto qualquer homem, e posso comer tanto quanto também, se conseguir o que comer. Sou tão forte quanto qualquer homem. Quanto ao intelecto, tudo o que posso dizer é, se uma mulher possui uma medida, e um homem possui duas — por que ela não pode ter a sua medidazinha cheia? Vocês não precisam temer nos dar nossos direitos por medo de que queiramos demais, — porque não poderemos pegar mais do que nossa medida suporta (TRUTH, 1852).

A transmissão da constituição psíquica dessas mulheres para as mulheres de hoje abre um questionamento sobre um feminino diferente. Antes de qualquer formação do sujeito que pensa e que conta sua história, este já foi contado e visto dado que no contado já se encontra o contador (LACAN, 1964). É só depois disso que o sujeito pode se reconhecer, já que é efeito dos significantes grudados de diversas maneiras e intensidades na sua existência que determinam olhares e caminhos peculiares a cada história. Não há como, no processo organizacional da existência negra, não pensar no passado e nos resquícios que foram deixados pela escravatura. A comunidade escravizada trazia uma outra lógica de relação: os papéis sociais desempenhados pelos senhores e senhoras de engenho, habitantes da casa grande, demarcavam um acultramento diferente dos negros habitantes da senzala. Nesse sentido, é possível observar que a escravidão delimitou espaços de ação, criando uma outra forma de sociedade.

Gwen Berger (1995), no artigo *Who Is That Masked Woman? Or, the Role of Gender in Fanon's Black Skin, White Masks* (Quem é essa mulher mascarada? Ou, o Papel do Gênero no livro *Pele Negra, Máscaras Brancas* de Fanon), chama a atenção para a relação do corpo feminino negro como um não lugar dentro da psicologia. A partir de um diálogo com leituras de Freud e Fanon a autora pontua sobre como as fantasias produzidas no imaginário branco são capazes de delimitar o lugar do negro na enunciação de sua própria história. Gwen descreve que quando Fanon fala em sujeitos negros usa a nomeação homem negro - semelhante a Freud que trata a humanidade no masculino, porém nesse caso o masculino branco. Em ambos os casos, a mulher negra não existe, a não ser quando se encontra em relação de proximidade ao homem. Como no capítulo dois, *A mulher de cor e o branco* (FANON, p.53), no qual Fanon descreve como se davam essas relações entre mulheres negras e homens brancos usando o relato de um caso específico. Esses recortes levam a autora a uma afirmação de que mulheres são, simbolicamente, como commodities. Tem o seu valor atribuído à posse, tornando-se assim uma abstração, um símbolo; tanto para

homens negros quanto para brancos, ela "carrega valor somente na medida em que ela pode ser trocada" (BERGER, p.176, tradução minha).

Davis conta que essa inexistência do feminino negro não estava presente nas relações intercomunitárias da população negra escravizada, já que a mulher estava em lugar igual ou mais importante que o homem. As relações de patriarcado vigentes na sociedade branca livre atingiam os escravizados em uma medida quase que ínfima. Relações entre mulheres negras e homens negros colocava-os em um lugar parecido - acarretando, assim, podemos dizer, uma masculinização da mulher negra que, como o homem, devia trabalhar o mesmo ou até mais, produzindo com isso uma feminilidade atípica.

A clivagem entre economia doméstica e economia pública, provocada pelo capitalismo industrial, instituiu a inferioridade das mulheres com mais força do que nunca. Na propaganda vigente, "mulher" se tornou sinônimo de "mãe" e "dona de casa", termos que carregavam a marca fatal da inferioridade. Mas entre as mulheres negras escravas, esse vocabulário não se fazia presente. Os arranjos econômicos da escravidão contradiziam os papéis sexuais hierárquicos incorporados na nova ideologia. Em consequência disso, as relações homem-mulher no interior da comunidade escrava não podiam corresponder aos padrões da ideologia dominante (DAVIS, p.25).

Davis também fala do quanto a vida doméstica durante a escravidão, aqui no Brasil nas senzalas, era importante para vida social do coletivo. Existia uma valorização do trabalho doméstico, já que esse trabalho era o único não controlado diretamente pelo senhor de engenho. Era o espaço onde mulheres e homens escravizados poderiam, enfim, controlar suas próprias ações, construir sua subjetividade, encontrarem-se como sujeitos com controle de suas vontades e sentidos. Ela afirma: "as mulheres negras não eram diminuídas por suas funções domésticas como acontecia com as mulheres brancas" (DAVIS, p. 29), já que essa atividade não era de controle, mas sim de subversão. Quem tivesse controle sobre esse espaço era responsável pelo bem-estar e manutenção da vida de uma população inteira. As afirmações sobre o lugar de "trabalhadora em tempo integral e apenas ocasionalmente mãe e dona de casa" abrem precedentes para que se discuta uma feminilidade diferente que se pergunte do que se trata o feminino negro.

No infinito anseio de prover as necessidades de homens e crianças ao seu redor (...), ela realizava o único trabalho da comunidade escrava que não podia ser direta ou imediatamente reivindicado pelo opressor. Não havia compensações pelo trabalho na lavoura, que de nada servia aos propósitos dos escravos. O trabalho doméstico era o único trabalho significativo para a comunidade escrava como um todo. (...) Foi justamente por meio dessa labuta - que há muito tem sido expressão central do caráter socialmente condicionado da inferioridade feminina - que a mulher negra escravizada conseguiu preparar o alicerce de certo grau de autonomia, tanto para ela como para os homens. Mesmo submetida a um tipo

único de opressão por ser mulher, era levada a ocupar um lugar central na comunidade escrava. Ela era, assim, essencial à sobrevivência da comunidade (DAVIS, 2016, p.29).

Trago mais uma vez a possibilidade de uma transmissão da constituição psíquica dessa mulher negra escravizada para a mulher negra contemporânea. Transmissão que pode se demonstrar através das formas com que essa mulher se relaciona com os significantes da cultura hoje, articulados pelo laço social. Como cria subjetividades e se molda a partir de discursos fundados na interação com a linguagem e os significados que produz. Criando também, de certo modo, um vínculo social com os modos de uso da linguagem.

Não há subjetividade que se organize fora do laço social, sendo que os discursos não são senão o modo em que se efetiva esta articulação com o laço social; articulação que parte da constatação dos efeitos da presença do Outro na subjetividade (DEBIEUX, 1999, p. 206).

## **2. Significações sobre o corpo negro: seria a cor um significante qualquer/diferente?**

Pensando na cultura atual como aquela que ainda carrega resquícios de uma sociedade escravocrata, podemos visualizar as formas de organização políticas e culturais dividindo papéis entre sujeitos. Dentre esses papéis, os que são desempenhados por mulheres negras podem agir como um resultado de um corpo social que vive ainda dentro de uma lógica racista. Exemplifico através do escrito de Fanon (1952) no livro *Pele Negra Máscaras Brancas*: “Todo o problema humano exige ser considerado a partir do tempo”. A identidade do negro vem sendo construída para além da época presente, para além da vida do sujeito negro contemporâneo. Essa vida carrega ancestralidade junto a isso o registro de resquícios de um momento da história que dizimou grande parte de uma população. É possível comparar a escravidão ao Holocausto, posto que também trata-se de um genocídio. Entretanto, o genocídio negro não recebeu reparação, também aparentemente não provocou marca de vergonha ou pesar à população brasileira como o Holocausto provocou na história alemã. O passado histórico cruel da escravidão, semelhante em muitas medidas no registro de dor e de morte ao Holocausto, é considerado diferente deste porque é percebido ainda por muitos como um momento necessário de crescimento econômico. Um momento da história em que não se encontram dados precisos ou histórias sobre a humanização dessas pessoas negras escravizadas, de como se sentiam e como viveram.

No artigo *Recordação, trauma e memória coletiva: a luta pela recordação em psicanálise*, Boheinsere (2007) insere as políticas de perseguições étnicas, a exemplo do Holocausto, como maneiras de desumanização e destruição da psique humana:

Os chamados *man made disasters* [desastres produzidos pelo homem], como o Holocausto, a guerra e as perseguições políticas e étnicas, objetivam a aniquilação da existência histórica e social do homem através de diferentes maneiras de desumanização e destruição da sua personalidade. Pode não ser possível para um indivíduo isolado inserir esse tipo de experiência traumática em um contexto narrativo por meio de um ato idiossincrático, pois, para isso, é preciso também uma discussão social sobre a verdade histórica do acontecimento traumático e sobre a negação e a defesa em face dele. Somente o esclarecimento científico do outrora acontecido e o reconhecimento social de sua origem e culpa irão restituir um campo interpessoal que possibilite trazer à luz, sem censuras, as experiências ocorridas. Essa é a única maneira de regenerar a autocompreensão abalada e a compreensão do mundo. Enquanto existirem tendências defensivas sociais ou obrigatoriedade de guardar silêncio, os sobreviventes do trauma permanecerão a sós com suas experiências. Ao invés de receberem o apoio advindo da compreensão do outro, esses sobreviventes se vêm dominados muitas vezes por sentimentos de culpa que exercem uma função explicativa do ocorrido. (BOHLEBER, p.169)

O racismo é uma dessas políticas de destruição e é através da história que se percebe como as formas de subjetividade do negro vem sendo retratadas, fazendo com que a cor seja um dos determinantes na vida desse sujeito. Ser negro entra no plano real tanto quanto a morte, porque nesse sentido não há como deixar de ser negro, tanto quanto a certeza de que a morte é o destino de todos os vivos. A cor é um significante que possivelmente enlaça o sujeito de uma forma diferente, pois é algo que implica e constitui suas escolhas em uma medida maior. É como outros significantes na sua base de criação, mas carrega um diferencial de intensidade. O significante é entendido por ter o caráter de movimentação, de ir de uma coisa para outra, já que o sujeito é aquilo que um significante representa para outro significante. Porém, o significante negro por muitas vezes insiste em ficar atrelado às mesmas referências como na violência, maldade e selvageria. É importante que o sujeito negro seja tirado do lugar de signo. Signo na definição de Saussure (CARVALHO) como a união do sentido e da imagem acústica. O signo traz colado em si um significado único, ele não se movimenta como o significante. Fanon exemplifica de uma maneira interessante o caráter de signo da cor numa passagem do seu texto, demarcando a imposição de sentido que marca um lugar limitante da cor negra:

Eu não posso ir no cinema. Eu espero por mim. No intervalo, antes do filme, espero por mim. Aqueles que estão diante de mim me olham, me espionam, me esperam. Um preto-groom vai surgir (selvagem, violento). O coração me faz girar a cabeça. Um estropiado da guerra do Pacífico disse a meu irmão: “Aceite a sua cor como eu aceito o meu cotoco; somos dois acidentados”. Apesar de tudo, recuso com todas as minhas forças esta amputação. Sinto-me uma alma tão vasta quanto o mundo, verdadeiramente uma alma profunda como o mais profundo dos rios, meu peito tendo uma potência de expansão infinita. Eu sou dádiva, mas me recomendam a humildade dos enfermos... (FANON, 1952, p.126)

O significante cor traz colado um ideal branco que não dá outra alternativa a não ser desejar pertencer ao que não se pode ser, confrontando o sujeito negro com um limite que não se pode ultrapassar, um impossível. Pessoas negras, em sua maioria, não se descobrem negras, já sabem, sempre souberam. É marcado pelo olhar do outro que existe algo diferente, estranho no seu corpo. Fanon discorre sobre isso a partir da ideia de que fantasias são criadas no imaginário branco que por si só definem o que é ser negro, antes que o sujeito negro possa definir por si mesmo. O branco inventou o negro como um ser que não tem valor a não ser em referência ao branco. O que é frequentemente chamado de alma negra é uma invenção do branco. (FANON, 1952).

Lacan (1966) pensa o sujeito como um lugar *a priori* vazio que depende da relação com os significantes para existir. Um significante é um elemento do discurso que representa e determina o sujeito. Com isso podemos pensar a noção de grande Outro, aquilo que faz enlace inconsciente do sujeito com o discurso social: o que somos depende do Outro, é a partir desse lugar que se desenrola a cadeia significativa que nos determina.

Lacan (1966/1998; Lacan (1968-1969/2008) elabora a noção do outro a partir de Freud (1905, 1919, 1921), enquanto aquele constitutivo do sujeito. Para isso Lacan desenvolve a distinção entre o outro (*petit autre*) e o Outro (o grande Outro, *Autre*). Essas posições corresponderiam às dimensões imaginárias e simbólicas na teoria de Lacan, dimensões que se encontram relacionadas também em relação à dimensão do real (Neill, 2011). O reconhecimento do si mesmo passa pelo outro especular, a fim de reencontrar, de reconstituir o objeto causa de seu desejo. (DEBIEUX E MOUNTIAN, 2015, p.153)

Há uma pergunta que sempre surge quando se afirma a cor como um significante de diferentes dimensões: e o branco? Ele também não tem algo ligado a cor que o delimita tanto quanto o negro? Sim, a cor branca também pode ser considerada um significante, mas ela não tem a mesma dimensão que a negra, pois não foi marcada como signo. Não houve uma concretude da palavra, ser branco é ser muitas coisas, anda entre múltiplos significados, enquanto ser negro fica muitas vezes preso a uma única imagem, a uma única definição. A cor traz consigo uma intensidade diferente, que não pode ser comparada e medida na mesma dimensão que o corpo/cor branco/a. Voltando a Fanon, ele descreve o que entende como um suposto complexo psicoexistencial das raças negras e brancas, ele diz: “Muitos pretos não se reconhecerão nas linhas que se seguem. Muitos brancos igualmente. Mas o fato de que eu me sinta estranho ao mundo do esquizofrênico, ou do impotente sexual, em nada muda a realidade deles” (FANON, p. 29). O conceito de realidade aqui não se refere à ideia de real lacaniano, mas sim à forma que a estrutura cultural do racismo afeta o corpo negro. Em seguida, ele afirma: “Para o negro, há apenas um destino. E ele é branco” (FANON, p. 28).

Com isso podemos propor que a cor negra e a branca encontram-se em dimensões diferentes na ordem significativa, no enlace do sujeito com o mundo. Entretanto, não se trataria apenas de uma mera identificação que é igual a qualquer outra característica, como ser gordo ou alto, ou com qualquer outra diferença que coloque esse sujeito para fora do padrão comum. Pensar o negro, nesse nível, nunca será como pensar o branco. Da mesma maneira que refletir sobre a condição social do homem nunca será como refletir sobre a

mulher - inserindo assim a cor na mesma ordem do gênero como algo que faz um corte e delimita de uma maneira diferente. A cor é uma marca que fala por si só e não pode ser comparada ou posta no mesmo nível que outras. Na tese de doutorado de Isildinha Baptista Nogueira a autora fala sobre como o corpo acaba agindo algumas vezes como signo e que existem marcações que são aferidas através da imagem que o sujeito tem sobre si mesmo, uma construção imaginária que é pautada na sua história e no seu inconsciente. O que reforça a hipótese de que o negro carrega consigo uma diferença que se demonstra a partir da imagem corporal.

De fato, os atributos físicos que caracterizam o negro, e mais particularmente a cor da pele, expressam as representações que, historicamente, associam a essas características físicas atributos morais e/ou intelectuais que vão corresponder, no espectro das tipificações sociais, àquilo que se instaura na dimensão do distante, ou seja, àquilo que expressa o que está além do conjunto dos valores nos quais os indivíduos se reconhecem. Nessa rede, negro e branco se constituem como extremos, unidades de representação que correspondem ao distante — objeto de um gesto de afastamento — e ao próximo, objeto de um gesto de adesão. Dessa forma, a rede de significações atribuiu ao corpo negro a significância daquilo que é indesejável, inaceitável, por contraste com o corpo branco, parâmetro da auto-representação dos indivíduos (...) a cultura necessita do negativo, do que recusado, para poder instaurar, positivamente, o desejável. Tal processo inscreve os negros num paradigma de inferioridade em relação aos brancos. (NOGUEIRA, 1998, p.44)

Partimos, a partir daí, para a constituição do sujeito negro no mundo, que para Fanon acontece de dois jeitos: a partir da alienação ou da recusa. Alienação quando o negro(a) quer ser branco e a partir do seu comportamento busca modos de fugir de sua cor. Por exemplo, quando um negro(a) nega a sua cor para poder se inserir em ambientes brancos ou quando evita se relacionar afetivamente com pessoas negras acreditando que, quando consegue o amor de uma pessoa branca, se torna branco. Já a recusa se dá pela via da negação completa dos estereótipos colocados nesse corpo: “Eu não sou o/a negro(a) que vocês dizem.”

Depois tivemos que enfrentar o olhar branco. Um peso inusitado nos oprimiu. O mundo verdadeiro invadia o nosso pedaço. No mundo branco, o homem (sujeito) de cor encontra dificuldades na elaboração de seu esquema corporal. O conhecimento do corpo é unicamente uma atividade de negação. É um conhecimento em terceira pessoa. Em torno do corpo existe uma atmosfera densa de incertezas. (FANON, 1952, p.104)

O corpo do negro é construído através de discursos, a terceira pessoa falada por Fanon se refere ao conhecimento coletivo sobre o negro: este que se desenrola através de lendas e mitos, discursos que ficaram no mundo como herança direta da escravidão. A

branquitude demonstra saber mais sobre o negro do que ele mesmo. Os discursos que definem a história são brancos e o que resta ao negro, nessa perspectiva, é seguir o caminho já desenhado. Na psicanálise, o inconsciente não tem delimitações, ele não é imutável, logo marcá-lo pela cor seria poder apreender o que não é possível de ser apreensível. Entretanto, não é da cor na instância psíquica por si só que se fala, mas sim na ideia de como o significante negro está inserido num arranjo semântico, político, econômico e histórico (BAPTISTA, 2017). Para o negro é sempre preciso reivindicar o seu direito à humanidade, já que não é Homem no campo significante de humano.

Desde que era impossível livrar-me de um complexo inato, decidi me afirmar como Negro. Uma vez que o outro hesitava em me reconhecer, só havia uma solução: fazer-me conhecer. (FANON,1952,p.108)

Para além dos discursos que pairam sobre esse sujeito aos quais ele se faz perceber e se reconhece, há a possibilidade de se identificar com os seus próprios ditos. É dessa forma que escapes e subjetivações diferentes serão feitos, para além do signo já marcado. O reconhecimento da cor enlaçada a outras significações, possibilitando a identificação com o próprio corpo, este antes negado pela alienação de não pertencer e pela identificação com discursos delimitantes sobre si. O sujeito da psicanálise é constituído a partir do campo da linguagem que comporta real, simbólico e imaginário. Esse sujeito só é possível porque entra na ordem social, o campo social é o campo do Outro, é um lugar no sentido topológico em que o sujeito irá presumir que se encontra a Verdade. Verdade sobre o seu próprio desejo. É a partir deste ponto que podemos pensar que a constituição do sujeito está atrelada ao campo social e isso é uma condição para sua existência enquanto tal (FERREIRA-LEMOS, 2011).

Penso ser pertinente fazer alguns enlaces com os quatro discursos de Lacan. Os discursos são quatro modos de estruturação do laço social, representados por quatro lugares diferentes: o do agente ou semblante, do trabalho ou do Outro, o da produção e o lugar da verdade. Lacan formaliza essa teoria dos discursos a partir do Seminário 17: O avesso da psicanálise (LACAN, 1969-1970/1992).

Os quatro discursos são: o do mestre, o da histórica, o universitário e o discurso do analista, não necessariamente seguindo uma ordem de movimentação ou cronologia (CASTRO, 2009, p.246.).

Com essa questão trago a hipótese de que o discurso do mestre pode ser associado ao funcionamento do racismo na nossa cultura de uma maneira simbólica. O discurso do mestre é definido por um saber de certeza, uma ordem a qual o sujeito se aliena e obedece. Funciona de uma maneira bem hierárquica onde o saber está sempre colocado no Grande Outro e nunca no sujeito, que está excluído da cadeia significante. O racismo pode funcionar dessa maneira a partir de um ideal coletivo que na maioria das vezes qualifica a cor negra como ruim e a branca como boa, na dualidade real de dois opostos, associando a cor negra à violência e à selvageria. Esse discurso, dentre tantas outras coisas, pode alienar o sujeito e o manter preso à crença inerte de uma identificação racista única, sem se perceber para além dela. O feminino também carrega esse enlace. O ideal seria que ser mulher fosse definido para além das representações sociais hegemônicas, e sim definido por cada sujeito na sua vivência do feminino.

Podemos pensar que para surgir o desejo o sujeito precisa movimentar-se para o discurso histórico, um discurso que provoca um furo no saber do outro, que questiona o mestre. Uma mulher negra não pode explicar a experiência universal de todas as outras mulheres negras, porque existem múltiplas possibilidades de movimentação do significante, não existiria apenas um sentido para a existência dessa mulher tanto ligada ao gênero quanto à raça.

### **3. O Negro(a) e a Psicanálise**

Infelizmente não é uma tarefa fácil falar sobre negritude no campo da psicologia. Existem, como mais expressivos, dois pólos possíveis de construção de uma lógica teórica com a raça como tema central. São esses através da psicologia social, que por vezes delimita o negro a um espaço único de ação como aquele que só sofre e tem no sofrimento um espaço único de assujeitamento, e a psicanálise. Nesta última, podemos encontrar um escape, já que a teoria apresenta uma possibilidade de transcender a lugares únicos. Entretanto é uma literatura baseada, em sua maioria, em escritos de Freud. É uma psicanálise baseada no conceito de identificação, dos modos de construção de ego e Ideal de Eu. Sendo assim, acredito que seja importante pontuar um breve escrito sobre o que existe nessa literatura e o que psicanalistas negros vêm pontuando até então. Por isso no tópico que se segue buscarei, diferente do primeiro, abordar como o racismo afeta a psique negra a partir das discussões feitas sobre Ego e Ideal de Ego.

#### **3.1. Construções de ego e a objetificação do outro**

É preciso que haja um modelo a partir do qual o indivíduo possa se constituir – modelo ideal, perfeito ou quase. Um modelo que recupere o narcisismo original perdido, ainda que seja através de uma mediação: a idealização Ideal do Ego (SOUZA, 1983).

Há uma busca de todo o sujeito por um ideal de ego inatingível. Para Freud, o ego age como mediador entre o id, o superego e o mundo externo. Ou seja, o ego faz um jogo de

forças entre os instintos do id e as exigências externas, estas baseadas no conjunto de leis que nos constituem como sujeito através do superego (FREUD, 1923-1925). Junto a isso, há o processo de identificação que possibilita a construção do ego. A identificação, para Freud (1921), é o processo que transforma o externo em interno, fazendo com que a identificação com o outro constitua o Eu. Refere-se primeiramente a um processo em que o sujeito assimila um ou mais traços de outro indivíduo, integrando-os ao Eu e modificando-se de acordo com os modelos em causa, desejando ser como ele (SILVA et al., 2017).

Logo o sujeito se reconhece no outro ao mesmo tempo que é reconhecido. O mundo interno é delimitado através de identificações com o mundo externo, que são oferecidas por aquele que ocupa o lugar de Outro, isto é, por aquele no qual o sujeito encontra a sua representação.

Freud (1923-1925) traz a ideia de que o ideal de ego tem a missão de suprimir o complexo de Édipo, ao mesmo tempo que demanda do sujeito como deveria ser, de acordo com o que a figura do pai quer, no que ele entende como demanda do outro. Há também o Ego Ideal, instância que toma um modelo imaginário que se caracteriza pela idealização maciça cujas representações são fantasmáticas, isto é, orientadas pelo ideal de onipotência narcísica (FREUD, 1923-1925). Todo indivíduo, para se tornar sujeito, precisa de um modelo de identificações (Ideal de Ego) que se forma no aparelho psíquico como um modelo ideal, perfeito ou quase. O Ideal de Ego faz o vínculo com a Lei e a Ordem no que se trata de ideais coletivos da cultura, que são percebidos simbolicamente, organizando os sujeitos psiquicamente. O Ideal de Ego é uma exigência dificilmente burlável, que está sob o domínio do simbólico e é “administrado” pelo Super Ego. Neusa Santos, no livro *Tornar-se Negro* (1983), trata o ideal de ego como instância resultante da convergência do narcisismo, das identificações com os pais/cuidadores com os ideais coletivos. Para autora, o cuidador faz o enlace desse sujeito com a cultura.

O filósofo Martin Buber considerou a palavra-princípio Eu-Tu o primeiro modo de relação humana: a relação Eu-Tu é anterior ao próprio Eu. Para ele, nós aprendemos a ser humanos sendo chamados para uma relação Eu-Tu- na relação um “se abre totalmente com o outro” (BUBER, 2006).

Exemplificando isso com a infância e sua relação com o brincar, onde a criança constrói, através de jogos imaginativos, seu ideal de ego, é possivelmente observável que com isso ela demonstra o seu desejo de ser quem quer e quem acredita que o outro quer que

seja. Através da imagem que o outro passou como imagem ideal. Quando pensamos na análise social percebemos que o ideal de ego imposto é um ideal de ego inatingível para todos. Todavia, alguns sujeitos possuem ideais diferentes e demarcados de uma forma mais peculiar que outras. Neusa Santos (1983) introduz a ideia de que a cultura promove um ideal de ego branco ao qual o negro se funde como sujeito. É possível, nessa relação, alienar o pensamento à ideologia identificatória defendida pelo outro. O negro nunca é reconhecido porque a sua imagem não faz parte de nenhum ideal. Se esse Eu não for reconhecido, ele volta o não reconhecimento para si.

A partir da experiência viva do racismo, a conceituação de Ideal de Ego Branco vai se inscrevendo, como nos apresenta Souza (1983) em seu livro através de breves relatos de pessoas negras que apresentam fatos durante a sua vida que marcaram a cor da pele como algo depreciativo e violento, devido à fuga de seus próprios corpos por não conseguirem se enxergar como negros também. Há assim, o não reconhecimento, porque a primeira regra que o sujeito negro se impunha era a negação de qualquer semelhança ou contato com a pele que o envolvia. Nos relatos, é descrito o ato de não se olhar no espelho, de fugir de imagens parecidas com a sua, de não querer nenhum contato com qualquer forma de identificação com o corpo negro.

Nessa lógica, o Ideal de Ego do Negro como Branco desenha a branquitude como o lugar onde se deve chegar, como uma demanda maior do Superego. "O negro é diferente". Essa diferença coloca esse sujeito num lugar que não abriga qualquer vestígio de neutralidade e se define em relação a um outro. Assim, o branco, definido pela cultura como proprietário exclusivo do lugar de referência, passa a ser sempre o norte, a partir do qual o negro se auto-definirá. Não é dito que o negro é o único que se relaciona com o Ideal de Ego, existe sempre em todo o sujeito não psicótico a demarcação dessa instância. Todos estão insatisfeitos e vivem uma relação de tensão entre Ideal de Ego e Superego. Porém, é necessário colocar uma diferença de nível e intensidade de insatisfação, já que todo o sujeito negro que vive em uma sociedade racista, sem exceção, vai experienciar essa vivência de uma forma mais forte e o desenlace se dará a partir de diferentes vias.

Uma campanha realizada no México, em 2010, promovida pelo Conselho Nacional para Prevenir a Discriminação, realizou um experimento com bonecos e crianças. Um boneco branco e outro negro são colocados em frente a crianças entre 4 e 6 anos de diferentes cores. Em seguida, uma entrevistadora questiona um por um: "Qual boneco é

bonito? E qual é feio?". As respostas são todas iguais, o boneco feio é o de cor negra e o bonito, de cor branca. Tanto para Neusa Santos quanto para Fanon, o branco carrega a imagem da beleza, da inteligência, enquanto o negro traz a imagem do selvagem, do violento, do feio. Fanon traz uma pergunta inicial no seu escrito que decai muito bem para a exemplificação desse ideal: o que quer o negro(a)? Ele quer ser humano. Mas ser humano é ser branco, então é branco que o negro(a) tentará ser por todas as vias possíveis, do comportamento à linguagem. É de reconhecimento que se fala, de uma divisão simbólica de valores que são passadas de um para o outro.

O negro de quem estamos falando é aquele cujo Ideal de Ego é branco. O negro que ora tematizamos é aquele que nasce e sobrevive imerso numa ideologia que lhe é imposta pelo branco como ideal a ser atingido e que endossa a luta para realizar esse modelo. (...) O relacionamento entre o Ego e o Ideal do Ego é vivido sob o signo da tensão. E como não sê-lo, se o Superego bombardeia o Ego com incessantes exigências de atingir um Ideal inalcançável? O negro, certamente, não é o único a viver esta experiência. É certo que existe sempre, em todo sujeito não psicótico, uma relação de tensão entre essas instâncias (...) No negro, do qual falamos, esta relação caracteriza-se por uma acentuada defasagem traduzida por uma dramática insatisfação, a despeito dos êxitos objetivos conquistados pelo sujeito (SOUZA, 1983 p. 38).

#### **4. Do olhar limitante à subversão: a história de Laura, uma existência consciente do feminino negro.**

Responder a questão sobre se é possível falar sobre um feminino negro em psicanálise implica em uma observação profunda sobre o que se tem escrito nas duas instâncias: a do gênero e a da cor. Sendo assim o trabalho de unificar, ou interseccionar esses dois processos de vivência é complexo. A melhor e mais justa forma de apresentar essa relação seria usando o processo de pesquisa em psicanálise, que parte da escuta equiflutuante tendo o inconsciente como objeto de análise. Dando espaço, assim, ao caminho investigação para dar ‘ouvidos’ e entender o que essa mulher negra vem falando sobre si mesma. Somente desse jeito pode-se tentar responder se é possível falar de um feminino negro em psicanálise. Até o momento foi feita a divisão entre dois atravessamentos do corpo: o gênero e a raça. Agora é necessário unificá-los e seguir o que nos apontam na fala. Para qual caminho o feminino negro se desenha? O que os significantes nos apontam? Pensando em potência e no intuito inicial deste trabalho que era o de dar espaço à

enunciação e à fala desse sujeito sobre si mesmo, trarei um caso clínico fictício de uma mulher negra. Mulher essa que na fala apresenta uma caminhada para encontrar a si mesma, encontro que se deu fortemente através do corpo. Um caminho de aceitação e de mudança que é particular, porém, pode ser reconhecível por muitos olhos de meninas negras que atravessam o mesmo caminho.

O caso clínico para Nasio (2001) se trata de uma ficção, já que nunca reproduz exatamente o concreto do que foi dito na experiência clínica. A história contada passa por uma reformulação que não segue um caminho lógico, é uma reconstrução da lembrança que é ligada ao desejo do analista, conferindo assim um caráter ficcional ao caso. A história dessa mulher, que chamarei aqui de Laura, tem muitos olhos, muitas mãos, muitas brechas. Porque não se trata de uma pessoa só, são apanhados de muitas mulheres que passaram pela minha vida com suas histórias diversas. Laura não é uma e é de alguma forma todas nós, em algum sentido.

O caso clínico resulta sempre de uma distância inevitável entre o real de que provém o relato em que se materializa. De uma experiência verdadeira, extraímos uma ficção, e, através dessa ficção, induzimos efeitos reais no leitor. A partir do real, criamos a ficção, e com a ficção, recriamos o real (NASIO, p. 18).

A maneira que apresentarei o caso seguirá uma lógica parecida com a distribuição de capítulos do filme *Moonlight* (2016). Esse longa que pretende, de um modo singelo e sensível, mostrar a humanidade negra em sua forma criativa para além da dor. Semelhante ao propósito que trago com o caso de Laura, de mostrar que é possível fugir do lugar comum do gênero e da raça através do reconhecimento e da resignificação. O relato será separado em três partes, como no filme (1. Little, 2. Chiron e 3. Black) se sucederá na ordem 1. Pequena, 2. Preta e 3. Laura. Meu intuito é relatar movimentos na forma em que o sujeito se identifica consigo mesmo, marcando momentos específicos da formação de identidade: da infância à vida adulta. Observando, dessa forma, a possibilidade de se consagrar um sujeito de enunciação, um sujeito singular, não enclausurado a uma definição única.

## **4.2. Pequena**

*“Some say the blacker the berry, the sweeter the juice. I say the darker the flesh then the deeper the roots.”<sup>1</sup>*

Tupac Shakur (1993)

O jeito que nos percebemos nunca será o jeito que o outro nos perceberá, pelo menos não por completo, como no reflexo de um espelho. Para Pequena, foi numa brincadeira inocente, quando o seu corpo ainda infantil se deparava com as novidades do mundo. Foi na areia do parquinho onde desenhava riscos no chão sem controlar seus movimentos. Lá, onde riscava como se fosse papel a areia com uma vareta fina. Ao lado de uma coleguinha que, pequena como ela, seguia seus passos. A luz do sol atravessava as árvores e batia no seu rosto e era bom, era tranquilo, até que um corte cessou a brincadeira. Um grito estranho, de uma mulher com o rosto enrugado e a voz grunida: não brinca com essa neguinha! No mesmo momento rápido, como um band-aid sendo arrancado, a menina que brincava com ela desapareceu. Foi puxada por uma mão certa deixando o graveto cair no chão. O desenho ficou incompleto, disforme, Pequena deixou seu graveto cair também, não sabia mais o que desenhava. Na sua cabeça, a palavra neguinha vibrava como uma pergunta estranha. O que era aquilo? E por que tinha deixado aquela mulher tão nervosa?

Na hora de comprar bonecas, a mãe andou e andou por um longo tempo, visitando todos os corredores da loja de brinquedos. Pequena não aguentava mais porque já sabia qual boneca queria. Aquela que tinha segurado o caminho todo. Uma princesa de cabelos longos e loiros, olhos azuis cintilantes. Só de olhar para ela seu rosto se iluminava. Como se saísse uma luz de dentro pra fora. A mãe enfim parou num corredor e num canto escondido achou o que queria. Mostrou para a filha, orgulhosa, o que tinha achado, o que tinha caminhado tanto para achar. Encontrou a única boneca que tinha cabelo crespo e pele escura na loja inteira. Pequena olhou, olhou e a cada olhar agarrava mais a princesa contra o seu peito. Queria a boneca mais bonita. Ninguém iria brincar com ela se fosse a única que tivesse uma boneca feia. A mãe tomou uma decisão: “então levaremos as duas”. Pequena não retrucou. Foi para casa com a princesa nos braços e a outra boneca na sacola. Quando chegou, esperou a mãe sair e escondeu a boneca na gaveta do quarto e nunca mais tirou ela de lá.

---

<sup>1</sup> "Alguns dizem que quanto mais negra a amora, mais doce o suco. Eu digo que quanto mais escura a pele mais profunda as suas raízes"; tradução minha.

Nesse trecho podemos observar que Pequena se deparou com algo que não entendia. Um perigo foi atrelado à cor da sua pele quando a mãe branca da outra criança puxou a filha para longe, temendo algo que Pequena não sabia o que era. Nesse instante ela passou a reconhecer que havia algo de errado com a sua cor, já que aquela mulher parecia tão desesperada e rude. No momento que se segue ela nega a boneca negra porque era de algum modo parecida consigo. A cor causava um olhar diferente de pessoas brancas. Um olhar que Pequena devolveu para sua boneca. Fanon descreve que o negro quer ser humano, mas entende em algum ponto da sua história que ser humano significa negar a sua própria cor e buscar a branquitude. Já que é nela que se reconhece a humanidade. Negar a boneca para Pequena seria negar esse reconhecimento com esse corpo negro que no olhar do outro assusta. Agora assusta ela também, porque no encontro com o branco o racismo produziu marca, de alguma maneira produziu o trauma.

### 4.3. Preta

*“The problem with gender is that it prescribes how we should be rather than recognizing how we are. Imagine how much happier we would be, how much freer to be our true individual selves, if we didn’t have the weight of gender expectations.”*<sup>2</sup>

Chimamanda Ngozi Adichie (2014)

Na adolescência, ela era tomada por momentos de silêncio profundos encarnados com uma revolta sem nome. Era tudo muito rápido, era tudo muito incerto. Eu, como aquela que escutava, sabia que a passagem adolescente leva a um vazio de encaixe, mas ela afirmava e marcava demais que não sabia para onde ir. O espelho sempre surgia como um assunto recorrente. Fugia dele sempre que podia, virava de costas quando entrava no elevador e tapava com uma toalha o espelho do banheiro quando ia tomar banho. Dizia que

---

<sup>2</sup> "O problema com gênero é que descreve como deveríamos ser ao invés de reconhecer como somos. Imagina quão felizes seríamos, quão livres para ser o que somos, se não tivéssemos o peso das expectativas de gênero"; tradução minha.

quando se enxergava no espelho ouvia nomes que sentavam sobre o seu corpo como moscas no açúcar. Na escola chamavam ela de Preta. Era carinhoso, ela murmurava, mas a cada sussurro quando repetia aquele apelido seu corpo se fechava como uma flor murcha. Por vezes achava que estava entrando pela primeira vez no mundo e saindo completamente do colo da mãe, afirmava uma independência forte, não precisava mais do olhar protetor do seu pai e das mãos e pernas experientes dos irmãos. Mas quando foi votada a menina mais feia numa lista que passou nas mãos de todos os meninos da escola, pediu pra mãe para voltar a ser criança. Não queria que os seios tivessem crescido, que o corpo tivesse colocado ela na turma das meninas. A sua nota na lista era a mais baixa, até a menina quietinha franzida de óculos garrafais e aparelho no dente era mais bonita que ela. O que será que tinha de errado?

Naquele dia, chegou em casa e esfregou o corpo com mais força no chuveiro. A única coisa que diferenciava ela de todas as outras meninas era a cor da sua pele. Foi o dia que ela se tocou de algo que nunca tinha falado antes. Algo que pareceu que sempre sentia, mas não sabia pôr em palavras.

“Eu não sabia o que era ser bonita ou feia antes de sair do portão da minha casa, do aconchego do meu pátio, longe do farejar do meu cachorro, mas eu soube com a força de um jato d’água cortante que a cor que cobria a minha pele por algum motivo não era bonita, que o cabelo que crescia na minha cabeça estava, por algum motivo que eu não entendia, errado. De repente, eu apenas entendia que eu não deveria estar aqui e por mais que eu trocasse de roupa, que seguisse as regras que me davam, eu nunca estaria certa para aquele lugar, nunca estaria certa pra esse mundo. Quando eu voltava pra casa, eu via que todos os outros já sabiam da verdade que eu tinha acabado de descobrir. De algum jeito, a minha mãe que era perfeita aos meus olhos também estava errada; meu pai que era a mais correta das pessoas estava equivocado; meus irmãos, também, não eram certos. Antes de eu me enxergar no espelho já existiam nomes que sentavam no meu corpo como moscas no açúcar e antes de eu ser açúcar já me sentavam moscas.”

Dali em diante havia uma revolta. Existia uma chama que crescia e queria queimar tudo ao redor. Não era certo se lavar com tanto afinco, sua mãe sempre lhe dizia que o corpo

era a sua primeira casa. Não era certo odiar tanto o que deveria lhe dar o aconchego de uma morada. Foi numa brincadeira no fim da tarde com uma amiga que teve um pensamento inédito. A menina perguntou a ela: e se pudesse se dar um nome, que nome seria? Não pensou em nomes, pensou em adjetivos. No imaginário, diversas palavras novas surgiram como gotas de chuva. Navegou para dentro de si e sentiu como se deslizesse num escorregador infinito. Era divertido. Ali deixou o rosto e o corpo expostos enquanto descia o corredor num ritmo leve. Descia e descia sem chegar no chão, deixava grudar em si as palavras que caíam do céu... Eram tantas, boas, ruins, neutras, estranhas, vazias. Deslizam como seu corpo no corredor. E o mais mágico era, que naquela brincadeira ela podia escolher as que seriam absorvidas por sua pele.

Podemos observar em Preta a insatisfação com a própria imagem, a ponto de se esconder dos espelhos para que não se depare consigo mesma. É pertinente associar a partir daí a questão do Ideal de Ego, ou melhor, a relação de tensão entre Ideal de Ego e Superego, que todos os sujeitos vivenciam. Porém com o negro(a) essa relação carrega diferentes dimensões na intensidade da insatisfação, existe algo que é posto sobre o corpo negro como uma identidade única e imutável e que vem de fora. O Ideal desse negro é o branco, um ideal impossível de ser alcançado e que produz sofrimento. Dessa maneira o negro(a) é falado pelos outros antes de falar por si mesmo. Vemos como exemplo na lista do colégio onde Preta foi posta como a menina mais feia da turma que como menina ela estava suscetível a responder a um ideal físico que determina um feminino específico do qual ela não fazia parte. O feminino ideal é o branco, já que todo o ideal parte dessa premissa. Logo ela questiona, quando pede para voltar a ser criança, o não reconhecimento com esse corpo que tem uma forma de menina, mas que não é de uma menina como as outras.

Ela traz na fala que não sabia o que era ser bonita ou feia antes de ter posto os pés pra fora de casa, isso indica de alguma maneira que as experiências de trauma do racismo a definiram como feia antes de que pudesse definir por si mesma. Entretanto quando uma amiga pergunta qual nome Preta gostaria de ter ela se permite deslocar-se das definições que antes entendia como suas. Isso promove um alívio, um momento de liberdade, onde pode

escolher que nome se dar e para que caminho de identificações próprias seguir. Já que esses são infinitos e com diversas qualificações e intensidades.

#### 4.4. Laura

*"I belong deeply to myself."*<sup>3</sup>

Warsan Shire, Teaching My Mother How to Give Birth

Ela chegou naquele dia dizendo que o seu corpo parecia que não pertencia apenas a esse tempo. Havia algo de antes, ancestral até, com uma história que não era só dela. Algo que trazia vários nomes e transcendia o tempo, como um labirinto com saídas incógnitas e entradas escondidas. Lembro que achei interessante que ela chamou de templo vivo, porque ao invés de paredes tinha pele e ao invés de portas tinha olhos e boca. O jeito que falava do corpo trazia um tom de orgulho, como se tivesse ganhado um presente, como se soubesse de um segredo que eu não sabia. Falou sobre um universo perdido de estrelas imortais, energias sintonizadas na poeira de uma vida antiga. Dentre tantas coisas, falou do seu gosto por astronomia, da formação das estrelas e de como uma Supernova, o passo de morte absoluta de uma estrela, não deixava de ser um recomeço. Nada realmente acaba, o fim na verdade só pode ser estipulado por nós mesmos. Só pode ser estipulado sobre aquilo que não enxergamos. Disse que uma vez tentou matar Preta, porque a lembrança dela sufocava um pouco o seu peito. Mesmo não encolhendo mais o corpo quando falava aquele nome, tentou esconder a lembrança na gaveta do quarto como tinha feito com a boneca quando Pequena. Mas não conseguiu. Ela sempre voltava clamando que não era justo apagar o que também fez parte do processo de criação de tudo o que ela era hoje. Pedi pra ela voltar a pensar nas estrelas, já que como tinha dito antes, tudo que tem no mundo está distribuído na matéria que forma elas. Preta também poderia ser parte dessa matéria, tanto quanto Pequena e isso

---

<sup>3</sup> "Eu pertenço profundamente a mim mesma"; tradução minha.

mudaria de que maneira essa estrela? Olhou para o teto como se olhasse o céu. E me encarou com uma lágrima solitária descendo do olho esquerdo - Eu nunca vou perder nenhuma delas, né? - fez a pergunta já sabendo a resposta. Sorriu secando o rosto. -Acho que eu não preciso ser uma só.

Seguiu querendo saber um pouco de tudo. Explorando lugares que não entrava antes porque achava que seriam proibidos pra ela. Ia com a certeza de que pra alguém era possível e que esse alguém poderia ser ela. Dizia com uma certeza sensível, cambaleando entre o sim e o não: deixei de ser uma só. Era uma caixa de pandora que, ao invés de trazer tragédias, trazia perguntas. Ou como mesmo dizia: um universo imenso de galáxias desconhecidas. Sendo menina, mulher, preta, pequena ou Laura, dentre tantos nomes, entendia que nenhum deles a definiam por inteira, e mais importante que tudo, nenhum deles faziam ela negar mais o seu corpo.

Era preciso deslizar, como Preta tinha feito no escorregador imaginário. Era preciso deixar também os nomes e ser qualquer uma, deixar o próprio sentido levar até endereços desconhecidos de identificações múltiplas. A casa do corpo pode ser a mesma, entretanto os caminhos da Psique não suportam barreiras ou fechaduras. Era bom saber disso. Era bom e melhor ainda saber que isso a deixava um pouco mais perto da lógica das estrelas.

Laura marca o movimento. Não final, mas estruturante que de alguma maneira muda significações e produz novas formas de subjetivação. Devemos entender a cor branca também como um significante, mas precisamos demarcar através da escuta do caso de Laura que a intensidade dessa dimensão da cor é mais forte quando falamos do negro(a) e do feminino. Laura promoveu o desencaixe, conseguiu através da fala a movimentação de uma imagem única ligada a estereótipos de gênero e cor a outra criada por ela mesma. Já que essa imagem anterior não a deixava deslocar-se para outros lugares. Foi no reconhecimento do corpo como um templo vivo, como uma parte sua que demarca uma identidade que ela conseguiu perceber-se dentro dos seus próprios discursos. O reconhecimento é parte importante da história do sujeito porque é a partir dele que se ocupa o lugar de enunciação.

Em seguida pretendo aprofundar a movimentação do significante trazida no caso Laura mostrando esse trajeto de mudança em uma música da Nina Simone. Música essa que representa de uma forma extraordinária e simples como dar a si mesma novos nomes e a partir deles produzir reconhecimento e enunciação.

#### 4.5 Ain't Got No, I Got Life

O sofrimento está sempre ligado ao processo de criação e de expressão do sujeito negro, é o espaço em que a dor toma proporções intensas. Quando se tem contato com a dor profunda encontramos o nada - desaparecimento instantâneo de tudo que nos relaciona de alguma forma com o mundo, de tudo que nos prende - experimentamos aí o absurdo. O absurdo que Camus (1942) fala no *Mito de Sísifo*, aquele em o sujeito se depara com a existência como o único espaço possível de ação. Onde o sujeito reconhece conscientemente que o nada é o único futuro possível e certo. A vida é o vai e vem da pedra que desce pelo penhasco, uma repetição, que como o mitológico Sísifo, experienciamos. *Ain't Got No, I Got Life* é uma música de Nina Simone (1968), nela ela nos conduz a um caminho extenso de desconstrução do corpo, de desconstrução de tudo que acreditamos nos prender no mundo. Não poderia falar sobre existência consciente da mulher negra sem citar Nina. Nessa música a cantora e pianista nos leva ao nada. *Ain't Got No* (Eu não tenho) é a premissa que ela usa para ir desmembrando a sua vida, se livrando de seus papéis, de sua história como um todo. O corpo, a casa, o irmão, as mãos, o nariz, a boca, nomes que partem de infinitas referências, de tudo que para ela era importante ou chegou a ser. O importante é que se escute que nenhuma dessas coisas é sua. Ela usa do corpo como se fosse uma casa, onde joga móveis fora, destrói janelas até que não existam mais paredes, até que a casa não tenha mais o formato inicial, perdendo assim as suas barreiras. *Eu não tenho*. Dessa negação, como se despissemos de significantes, ela chega ao ponto máximo onde não tem mais do que se desfazer, questiona: “Ei, o que eu tenho? Por que estou viva, afinal? O que eu tenho que ninguém pode tirar?”. Porque ainda estar aqui se não se tem nada, esse questionamento a leva para um despertar diferente. Como se afirmasse que ela é a única que pode definir para si mesma o que tem. Afinal não é esse o único caminho? Parecido com o caso de Laura ela propõe decidir por si mesma esse caminho. A partir desse corte ela caminha para o segundo

verso da música. *Eu tenho*. Nesse momento o *não* desaparece, ela afirma o que é dela, o que de fato tem. Tem o corpo, o cérebro, o cabelo, o nariz, as pernas. Ela tem a casa que escolheu para si que identifica como sua. Nina termina a música em duas palavras máximas de posse completa: tenho a vida e a liberdade.

*Ain't Got No* tem uma força imensa e profunda que me faz pensar na potência criadora que mulheres negras carregam consigo, que é o que de fato as impulsiona a sobreviver e subverter numa sociedade racista. É como um escape, este que friso tanto como a única forma possível de se enxergar de fato como sujeito. De alguma maneira nesses versos da música Nina pergunta: o que eu posso sentir que ainda não foi cortado de mim? O que posso nomear que ainda não foi nomeado por mim?

Para o negro é preciso fazer esse caminho de descolamento dos nomes. Para que se possa perguntar o que eu ainda tenho? E o que eu posso ter. Para além de Nina e Laura. Quando nos referimos à saúde mental de mulheres negras precisamos pensar em como a resistência implica a reinvenção. É preciso que o movimento de reinventar-se seja contínuo, para que esse corpo não caia em uma definição só, principalmente pautado nas normativas impostas pelo racismo e machismo.

Quando a pauta é a Psicologia nos convocamos de primeira a afirmar que esse campo se relaciona com a ideia de escuta entre psicólogo e paciente. Esse paciente solicita uma ajuda a um sujeito supostamente dotado de um conhecimento acadêmico acerca da saúde. O paciente demanda muitas vezes receber de volta desse psicólogo um diagnóstico, ou uma possível solução para o seu problema, um alívio para o sofrimento psíquico. O que me leva a lembrar uma das questões que me instigaram a escrever esse trabalho: onde estão as pessoas negras, mais especificamente as mulheres negras, na discussão de saúde mental?

Quando eu dava aulas sobre o livro *Sula*, de Toni Morrison, reparava que minhas alunas se identificavam com um trecho no qual Hannah, uma mulher negra já adulta, pergunta a sua mãe, Eva: “Em algum momento você nos amou?” E Eva responde bruscamente: “Como é que você tem coragem de me fazer essa pergunta? Você não tá aí cheia de saúde? Como não consegue enxergar?” Hannah não se satisfaz com a resposta, pois sabe que a mãe sempre procurou suprir suas necessidades materiais. Ela está interessada num outro nível de cuidado, de carinho e atenção. E diz para Eva: “Alguma vez você brincou com a gente?” Mais uma vez, Eva responde como se a pergunta fosse totalmente ridícula: Brincar? Ninguém brincava em 1895. Só porque agora as coisas são fáceis, você acha que sempre foram assim? Em 1895 não era nada fácil. Era muito duro. Os negros morriam como moscas... Cê acha que eu ia ficar brincando com crianças? O que é que iam pensar de mim? A resposta de Eva mostra que a luta pela sobrevivência não significava somente a forma mais importante de carinho, mas estava acima de tudo. Muitos negros ainda pensam assim. Suprir as necessidades materiais é

sinônimo de amar. Mas é claro que mesmo quando se possui privilégios materiais, o amor pode estar ausente (HOOKS, 2006).

Bell Hooks (2006) chama atenção para o fato de que pessoas negras usam a repressão de seus sentimentos como uma estratégia de sobrevivência, essa característica seria uma herança dos tempos da escravidão. A falta de humanização vivenciada por pessoas negras nesse período fez com que adquirissem de certo modo uma máscara de invencibilidade, de dureza, logo conter as emoções significou para muitos uma característica positiva de uma personalidade forte. Entretanto, quando falamos de saúde mental é importante pautar que é possível deixar essa máscara e permitir com que se mude essa realidade de diferentes maneiras. A terapia existe justamente para permitir que o paciente expresse qualquer emoção ou sentimento sem que se pense nisso como fraqueza, ou qualquer outra definição que impeça o processo de abertura. Aí entra a necessidade de se pautar uma psicologia que pense o sujeito negro em suas múltiplas facetas, percebendo que é necessário abrir outros precedentes de estudo e outras formas de escuta.

Bell Hooks (2006) ainda no texto *Vivendo de Amor* fala um pouco sobre como é preciso reconhecer que a opressão e a exploração que o sujeito negro vivencia na vida impede e distorce a sua capacidade de amar. Nessa relação mulheres negras acabam acostumando-se com a escassez e com o não amor nas suas vidas. Acredito que o corpo entra nessa relação como o primeiro espaço onde se nega esse amor. Já que é nele que na maioria das vezes se assentam os discursos sobre a cor. Como podemos perceber no caso de Laura. Entretanto, o movimento mais saudável seria que no corpo se depositasse amor, entre outras coisas. Que esse corpo seja o lugar onde o amor emana e onde o sujeito espelha o seu amor ao outro. Bell Hooks diz que o amor cura, a recuperação dos impactos do racismo está no ato de amar. Dessa maneira a autora põe como necessário o ato de se reconhecer e se afirmar como uma estratégia de amor próprio. Como um fortalecimento da resiliência, ou seja, do reforço da capacidade de um corpo de ser atingido por percalços e conseguir recobrar sua forma de novo, como se fosse submetido a uma deformação elástica e voltasse à forma anterior sem muitos danos. Estar vivendo em uma sociedade racista produz suas marcas e muitas delas levam o sujeito a não amar a sua própria imagem. Olhar no espelho passa a ser um ato de crítica e não de admiração, mas quando se coloca o reconhecimento como uma forma de cultivar o amor interior novas formas de cuidado vão sendo geradas.

## CONCLUSÃO

No decorrer deste trabalho pode-se perceber que para pensarmos o feminino negro precisamos trabalhar na interseção de diversas possibilidades teóricas. De um lado, a ideia de que a cultura promove um ideal de ego branco ao qual o negro se funde como sujeito e de outro a demarcação do gênero como limitante e subjetivante de uma maneira tão marcada quanto a cor. Trabalhando a interseccionalidade desse corpo é entendido que nesse processo produzem-se diversas identidades e possibilidades de identificação que, através da escuta, podem deslocar-se para diferentes lugares, subvertendo por vezes verdades e discursos normativos sobre gênero e raça.

Para a saúde mental da mulher negra a resistência implica a reinvenção, já que a sociedade e os modos que ela opera empurram essa mulher para a identificação com lógicas racistas e sexistas o tempo todo, causando sofrimento e limitando a sua movimentação psíquica. Logo, é preciso um movimento de reinvenção que seja contínuo e que pode ser possibilitado pela escuta clínica, se esta buscar aprender sobre o feminino negro.

Concluo esse trabalho acreditando que as questões discutidas aqui poderão contribuir para um melhor tratamento e acompanhamento da mulher negra na clínica, evitando o silenciamento e escuta surda das questões trazidas por ela. Dessa forma, permitindo que esse sujeito não caia em uma definição única, principalmente pautada nas normativas impostas pelo racismo e sexismo. E, assim, possibilitando o caminho do reconhecimento e da enunciação.

## REFERÊNCIAS:

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. We should all be feminists. Londres: TedX Euston, 2012. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=hg3umXU\\_qWc](https://www.youtube.com/watch?v=hg3umXU_qWc) . Acesso em: 23 oct. 2017.
- BERGNER, Gwen. *Who Is That Masked Woman? Or, the Role of Gender in Fanon's Black Skin, White Masks*. Vol. 110, No. 1, Special Topic: Colonialism and the Postcolonial Condition (Jan., 1995), pp. 75-88. Published by: Modern Language Association DOI: 10.2307/463196. Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/463196>
- BOHLEBER, Werner. Recordação, trauma e memória coletiva: a luta pela recordação em psicanálise. *Rev. bras. psicanálise*, São Paulo, v.41, n.1, p. 154-175, mar. 2007. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0486-641X2007000100015&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2007000100015&lng=pt&nrm=iso). acessos em 14 out. 2017.
- BUBER, Martin. Do diálogo ao diálogo. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- CARVALHO, Castelar de. SAUSSURE E A LÍNGUA PORTUGUESA. Cifefil, 2014. Disponível em <http://www.filologia.org.br/viisenefil/09.htm>
- CASTRO, Júlio Eduardo de. Considerações sobre a escrita lacaniana dos discursos. *Ágora* (Rio J.), Rio de Janeiro, v.12, n.2, p. 245-258, Dec. 2009. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-14982009000200006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982009000200006&lng=en&nrm=iso). access on 10 Oct. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982009000200006>.
- DAVIS, Angela . *Mulheres, Raça e Classe*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016. 244 p. v. 1.
- FANON, Franz. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Salvador, EDUFBA, 2008.
- FERREIRA-LEMO, PP. Sujeito na psicanálise: o ato de resposta à ordem social. In: SPINK, MJP.
- FIGUEIREDO, P., and BRASILINO, J., orgs. *Psicologia social e personalidade* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais; ABRAPSO, 2011, pp. 89-108. ISBN: 978-85-7982- 057-1. Disponível em SciELO Books
- FREUD, Sigmund. *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)*. Tradução Paulo César de Souza - São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- FREUD, Sigmund. *Obras completas, volume 6: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos (1901-1905)*. Tradução Paulo César de Souza. -1º ed.- São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- FREUD, Sigmund. *O Ego e o ID e outros trabalhos*. (1923-1925). Tradução Jayme Salomão.- 1º ed.- Rio de Janeiro: IMAGO EDITORA LTDA, 1976.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos. (1930-1936). Tradução Paulo César de Souza. 3 edição - São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

HOOKS, Bell. Vivendo de amor. In: WERNECK, Jurema. (org.) *O Livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe*. 2 ed. Rio de Janeiro: Pallas / Criola, 2006.

KON, Noemi Moritz. "Ele não tem xoxota!": a lógica do falo ou a lógica da diferença?. *Rev. latinoam. psicopatol. fundam.*, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 517-521, Sept. 2010.

Disponível

em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-47142010000300011&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142010000300011&lng=en&nrm=iso)>. access on 13 Oct

2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S1415-47142010000300011>.

LACAN, J. (1998). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In J. Lacan, *Escritos*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1966)

MOUNTIAN, Ilana; ROSA, Miriam Debieux. O outro: análise crítica de discursos sobre imigração e gênero. *Psicol. USP*, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 152-160, Aug. 2015.

Disponível em

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65642015000200152&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642015000200152&lng=en&nrm=iso)>. access on 14 Oct. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/0103-6564D20150001>.

NASIO, J-D. O que é um caso? In: NASIO, J-D. *Os grandes casos de psicose*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. Significações do corpo negro. 1998. 146 f. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

ROSA, Miriam Debieux. O discurso e o laço social dos meninos de rua. *Psicol. USP*, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 205-217, 1999. Disponível em

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65641999000200013&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65641999000200013&lng=en&nrm=iso)>. access on 26 Dec. 2017.

<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65641999000200013>.

SIMONE, Nina. "Ain't Got No, I Got Life". By Nina Simone, Galt MacDermot, Gerome Ragni & James Rado. *Nuff Said!*. 1968.

SILVA, Moisés Rodrigues Junior et al, O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise. Organização KON, Noemi Moritz. ABUD, Cristiane Curi. SILVA, Maria Lucia da.-I. ed. - São Paulo: Perspectiva, 2017. (p.121 a 177).

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se Negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1983.

SHAKUR, Tupac. "Keep Ya Head Up". By 2Pac & DJ Daryl. *Strictly 4 My N.I.G.G.A.Z.* EUA, 1993.

SHIRE, Warsan. Teaching my mother how to give birth. London. Mouthmark, 2011.

TRUTH. Sojourner. E não sou uma mulher?. Geledés 2014. Disponível em:  
<https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/>